

**RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL DAS EMPRESAS COTADAS
PERTENCENTES AO PSI20: ANÁLISE EVOLUTIVA E RELAÇÃO COM O
DESEMPENHO ECONÓMICO-FINANCEIRO**

Sandra Afonso

Instituto Politécnico de Bragança

Paula Odete

(responsável); Instituto Politécnico de Bragança (IPB); NECE¹ (UBI)

Ana Paula Monte

Instituto Politécnico de Bragança (IPB); NECE¹ (UBI).

Área Temática: Responsabilidade Social Corporativa

Palavras-chave: Responsabilidade Social Empresarial; Análise Multivariada; Desempenho Económico-Financeiro.

¹ Instituição de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Ministério da Educação e Ciência de Portugal.

RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL DAS EMPRESAS COTADAS PERTENCENTES AO PSI20: ANÁLISE EVOLUTIVA E RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ECONÓMICO-FINANCEIRO

Resumo

A presente investigação teve como objectivos principais: (1) analisar a adopção e divulgação das práticas de responsabilidade social e verificar a respectiva evolução positiva para o período entre 2005 a 2009; (2) verificar se o desempenho socialmente responsável contribui para o bom desempenho económico-financeiro; (3) analisar quais as dimensões da Responsabilidade Social Empresarial (RSE) que têm uma relação positiva sobre o desempenho económico-financeiro. Para tal utilizou-se uma amostra de 19 empresas portuguesas cotadas no Índice PSI 20, avaliadas no período de 2005 a 2009. Os resultados permitiram concluir que se registou uma evolução positiva na adopção e divulgação da RSE, que o desempenho social poderá ter uma influência positiva moderada sobre a rentabilidade das vendas, e que as dimensões da RSE-Gestão Responsável e Comunidades Locais e a rentabilidade das vendas registaram uma relação positiva.

Resumen

La presente investigación ha tenido como objetivos principales: (1) analizar la adopción y difusión de las prácticas de la Responsabilidad Social y constatar la evolución positiva para el período 2005 a 2009, (2) confirmar si el desempeño socialmente responsable, contribuye para el mejor desempeño económico y financiero, (3) examinar cuáles son las dimensiones de la Responsabilidad Social Corporativa (RSC) que tienen una relación positiva con el desempeño económico y financiero. Así, se utilizó una muestra de 19 empresas portuguesas que figuran en el índice PSI 20, evaluadas desde 2005 hasta 2009. De los resultados obtenidos se puede concluir que la adopción y difusión de la RSE registró una evolución positiva, que el desempeño social puede tener una influencia positiva moderada en la rentabilidad de las ventas, y que las dimensiones de la RSE - Gestión Responsable y Comunidades Locales y la rentabilidad de las ventas registraron una relación positiva.

Palabras Clave: Responsabilidad Social Corporativa, Análisis Multivariado, Desempeño Económico y Financiero.

1. Introdução

A Responsabilidade Social Empresarial (RSE) emerge em resposta às demandas de uma sociedade cada mais atenta e consciente. Um dos motivos apontados para a viragem das organizações rumo à responsabilidade social prende-se com as mudanças organizacionais e de mercado impulsionadas pela globalização e pelo desenvolvimento tecnológico (Zadek, 1999), nomeadamente “a transparência gerada nas actividades empresariais pelos meios de comunicação social e pelas modernas tecnologias da informação e da comunicação” (COM, 2001, p.4).

O advento da globalização acentuou a interdependência global, o que tem contribuído para uma crescente consciencialização e responsabilização. “Uma empresa constitui um exemplo típico de uma organização interdependente. Depende dos clientes, das políticas governamentais e dos desenvolvimentos políticos, dos seus funcionários, clientes, accionistas e distribuidores – acções e reacções numa cadeia interminável (Lama & Muyzenberg, 2008, p.30). Esta cadeia de interacções poderá transformar-se numa vulnerabilidade para as organizações, se estas não assumirem uma postura ética e responsável, “(...) um erro grave e precisarão de décadas para reerguer uma reputação maculada” (Lama & Muyzenberg, 2008, p.31).

Também Davis (1973) refere que “a responsabilidade social tornou-se na marca de uma civilização global e madura. É necessária para um mundo interdependente. Os valores mudaram para o requerem” (p.321). A sociedade espera que as organizações correspondam às suas expectativas se pretendem manter a rendibilidade a longo prazo, e na medida em que contribuírem, favoravelmente, terão melhores condições para desenvolver os seus negócios (Davis, 1973).

Aderir à RSE poderá assim trazer benefícios e concretizar-se numa vantagem competitiva. Alguns dos benefícios frequentemente associados à RSE (Heal, 2004; Tsoutsoura, 2004), são:

- Redução dos risco associado à gestão empresarial e conflitos entre sociedade e empresas, nomeadamente no que se refere a aspectos ambientais e sociais;
- Redução dos desperdícios e dos custos operacionais, resultante de uma gestão mais eficiente dos recursos e processos;
- Melhoria nas relações com as entidades reguladoras, evitando a implementação de regulamentação restritiva que implicaria custos acrescidos;

- Melhoria da imagem e reputação das empresas, o que pode facilitar o acesso a capital e a parcerias de negócio;
- Melhoria das relações humanas e da produtividade dos recursos humanos, e também a capacidade de atrair e reter os melhores recursos humanos, já que as pessoas procuram trabalhar para empresas das quais se possam orgulhar;
- Diminuição do custo do capital, através do investimento socialmente responsável.

Segundo Heal (2004) a RSE terá um papel importante a desempenhar quando o mercado falha relativamente à sociedade, designadamente em duas situações: (1) quando os custos económicos privados não estão alinhados com os custos sociais, ou seja, o que é mais rentável para as empresas não é o melhor para o bem-estar da sociedade; (2) ou quando existem fortes desentendimentos relativamente ao que é percebido como equitativo pelas empresas e pela sociedade. Nestas duas situações a RSE poderá ser utilizada para produzir o bem-estar social. Caso contrário, se não existirem discrepâncias entre mercado e sociedade, a RSE terá, segundo o autor, pouco a acrescentar.

No actual contexto, caracterizado por assimetrias sociais, a responsabilidade social terá um papel importante no equilíbrio dessas assimetrias. No entanto, a RSE não deverá servir apenas para ajudar a consertar o que está desequilibrado, mas deverá ser a forma natural de actuação, contribuindo para um equilíbrio sustentável, gerando um ciclo virtuoso. As organizações deverão actuar de uma forma ética e socialmente responsável, conscientes e atentas às demandas sociais em constante mudança.

Apesar da relevância crescente que a RSE assume, persiste ainda uma linha de pensamento, bastante arreigada na nossa cultura, segundo a qual para se ser bem sucedido nos negócios é necessário abandonar moralismos e escrúpulos, prevalecendo a lei do mais forte e do interesse próprio. Apesar do percurso mais recente apontar para um novo rumo que se delinea à nossa frente, será ainda necessário um esforço contínuo de consciencialização para que uma cultura ética e socialmente responsável se possa enraizar.

No contexto Europeu, a Comissão Europeia tem desenvolvido diversas iniciativas no sentido de promover a RSE, mas mais do que isso, no sentido de colocar a Europa na senda da excelência relativamente à RSE (COM, 2001).

A presente investigação pretende contribuir para esse esforço de consciencialização, através do estudo da adopção e divulgação das práticas de responsabilidade social, por

parte de empresas portuguesas de referência, e da evolução registada no período compreendido entre 2005 a 2009. Pretende-se também analisar se o desempenho socialmente responsável contribui para um bom desempenho económico-financeiro, e quais as dimensões da RSE que terão maior influência nesse contributo.

2. Enquadramento teórico

Diferentes estudos têm sido realizados aspirando analisar a possível relação entre a RSE e o desempenho económico-financeiro. Os resultados obtidos têm sido divergentes, enquanto alguns indicam uma influência positiva, outros são inconclusivos ou pouco significativos, e outros indicam uma relação negativa (e.g.: Wood & Jones, 1995; Pava & Krausz, 1996; Griffin & Mahon, 1997; Waddock & Graves, 1997; Stanwick & Stanwick, 1998; Balabanis, Phillips & Lyall, 1998; Maignan, Ferrell & Hult, 1999; McWilliams & Siegel, 2000; Tsoutsoura, 2004; Macedo et al., 2007; Poddi & Vergalli, 2009).

A fim de se investigar a possível relação entre as duas dimensões, torna-se necessário compreender as teorias que poderão explicar essa relação. Várias teorias têm sido sugeridas, nomeadamente a teoria dos *stakeholders*. Esta defende que as organizações têm responsabilidades relativamente a vários grupos de interesse que afectam ou pelo qual são afectadas, para além dos accionistas e investidores, devendo procurar o equilíbrio na satisfação dos interesses dos diversos *stakeholders*, sob pena de saírem lesadas (Rego et al., 2007).

A empresa que procura corresponder às expectativas dos *stakeholders*, estará a promover o seu negócio, o que poderá contribuir para um melhor desempenho económico-financeiro (Maignan et al., 1999). Para Wood e Jones (1995) a teoria dos *stakeholders* é a chave que permite um entendimento mais claro da relação entre empresa e sociedade, e é a base para discernir as associações com diferentes indicadores do desempenho financeiro. Segundo a visão moderna da teoria dos *stakeholders*, existe uma tensão entre custos explícitos (por exemplo, relativos às exigências dos accionistas e investidores) e custos implícitos (por exemplo, custos com a qualidade do serviço e custos ambientais), e se a empresa negligenciar os compromissos implícitos, poderá incorrer em custos explícitos, que resultarão numa desvantagem competitiva (Waddock & Graves, 1997; Balabanis et al., 1998).

A teoria da legitimidade também poderá ajudar a explicar a relação entre RSE e desempenho económico-financeiro. Segundo Branco e Rodrigues (2008) a teoria da

legitimidade foca-se na perspectiva da legitimidade social, ou seja, na aceitação por parte da empresa do ambiente social em que opera, o que a levará a comportar-se de forma a considerar as expectativas de todos os constituintes desse ambiente. Segundo esta teoria, o sucesso e a sobrevivência das empresas depende do interface com o meio em que operam e a RSE é considerada um instrumento importante, que permite às empresas obterem aceitação social e legitimarem o seu comportamento (Branco & Rodrigues, 2008).

Outra teoria frequentemente apontada é a hipótese da disponibilidade de recursos, que defende que o desempenho económico-financeiro influencia o desempenho social. Níveis elevados de desempenho financeiro podem providenciar os recursos necessários para a adopção de práticas de RSE (Waddock & Graves, 1997). Por sua vez, Orlitzky, Schmidt e Rynes (2003) sugerem que o desempenho social e o desempenho financeiro se influenciam mutuamente, através de um “ciclo virtuoso” (p.424), já que as empresas com bom desempenho financeiro investem mais no desempenho social porque o podem fazer mas, ao mesmo tempo, o desempenho social também as ajuda a aumentar o seu sucesso financeiro.

A fim de se estudar a relação entre ambas as dimensões - RSE e Desempenho Económico-Financeiro, é necessário estabelecer indicadores de mensuração. A RSE tem sido mensurada, em diversas investigações, em termos do desempenho social empresarial. Segundo Wartick e Cochran (1985) o desempenho social integra três dimensões - a RSE, a capacidade de resposta social, e questões sociais, utilizando a RSE “como ponto de partida para o envolvimento social corporativo” (p.758).

A mensuração da RSE, ou do desempenho social empresarial, é uma questão que não tem sido consensual e vários são os métodos adoptados, já que não existe nenhuma medida universal considerada válida para esse efeito. McGuire, Sundgren e Schneeweis (1988, citado por Balabanis et al., 1998) referem os três critérios que consideraram os mais utilizados na mensuração da RSE: (1) avaliação de peritos; (2) análise dos relatórios anuais e outros documentos empresariais; (3) análise do desempenho do controlo da poluição. Waddock e Graves (1997) alegam que as medidas de mensuração baseadas na divulgação social e investimentos no controlo da poluição são unidimensionais e não reflectem todos os aspectos da RSE. Apontam a problemática da mensuração da RSE como um dos principais motivos da incerteza da relação entre a RSE e o desempenho económico-financeiro. As medidas de mensuração ou são unidimensionais ou são difíceis

de aplicar, de uma forma consistente, à diversidade de indústrias e empresas (Waddock & Graves, 1997).

Vários estudos utilizaram índices para a avaliação e mensuração do desempenho social, nomeadamente o índice desenvolvido pela agência de *rating Kinder, Lydenberg, Domini* (KLD) e os índices baseados na reputação, da *Fortune* e de *Moskowitz* (e.g. Griffin & Mahon, 1997; Waddock & Graves, 1997; Wood & Jones, 1997; Stanwick & Stanwick, 1998; McWilliams & Siegel, 2000; Orlitzky et al., 2003).

Wood e Jones (1997) contestaram a utilização dos índices de reputação. Relativamente ao índice da *Fortune* alegaram que é uma medida de mensuração questionável, já se baseia nas opiniões de executivos seniores, directores e analistas financeiros, e o atributo normalmente mais valorizado é a qualidade da gestão, o que leva a que as empresas possam ter um índice de reputação elevado, e uma actuação deficiente em determinadas áreas relacionadas com o desempenho social. Também consideraram questionável o índice de *Moskowitz*, uma vez que representa a avaliação de uma só pessoa sobre o desempenho social da empresa.

Na Europa, Szekeley e Knirsch (2005) referem que diferentes métodos foram utilizados pelas empresas alemãs para avaliação do desempenho e que muitas adoptaram as linhas orientadoras do *Global Reporting Initiative* (GRI) diferindo, no entanto, relativamente aos aspectos que escolheram mensurar e reportar.

Relativamente à mensuração do desempenho económico-financeiro, são normalmente utilizadas medidas de mensuração baseadas em indicadores contabilístico-financeiros ou indicadores de mercado, ou ambos:

- Indicadores contabilístico-financeiros frequentemente utilizados: rendibilidade dos capitais próprios, rendibilidade dos capitais investidos, rendibilidade das vendas e rendibilidade do activo (e.g., Pava & Krausz, 1996; Waddock & Graves, 1997; Griffin & Mahon, 1997; Balabanis et al., 1998; Orlitzky et al., 2003; Tsoutsoura, 2004).
- Indicadores de mercado frequentemente utilizados: retorno de mercado; *price earning ratio*; market value to book value; *beta*; *excess market valuation* (e.g., Pava & Krausz, 1996; Balabanis et al., 1998; Orlitzky et al., 2003; Poddi & Vergalli, 2009).

Balabanis et al. (1998) concluíram que a divulgação da RSE terá um impacto mais positivo nos indicadores contabilístico-financeiros do que nos indicadores de mercado. Também Orlitzky *et al.* (2003) sugerem que o desempenho social parece estar mais associado aos indicadores contabilístico-financeiros (rendibilidade do activo e rendibilidade dos capitais próprios) do que aos indicadores de mercado (retorno de mercado e crescimento das vendas). No entanto, para Mackey e Mackey (2007) as medidas de mensuração baseadas no mercado serão mais apropriadas do que as contabilístico-financeiras, na medida em que a generalidade dos estudos tende a avaliar em que medida as actividades de RSE podem aumentar ou diminuir os lucros dos investidores. Por seu lado, Griffin e Mahon (1997) evitaram a utilização de medidas de mensuração baseadas no mercado por considerarem que estas poderão avaliar outros resultados para além dos financeiros.

Os estudos analisados indicam que não existe consenso, quer relativamente aos indicadores de mensuração da RSE, quer relativamente aos indicadores de mensuração do desempenho económico-financeiro.

Relativamente ao contexto português, diversas pesquisas têm sido realizadas, mas poucas que especificamente abordem a relação entre a RSE e o desempenho económico-financeiro. A inexistência de indicadores de avaliação da RSE dificulta as investigações nesta área. Leite e Rebelo (2010) alertam para a necessidade de se construírem modelos de mensuração que sirvam não só para as empresas portuguesas quantificarem os seus projectos, mas também para se poderem seleccionar as melhores práticas de acordo com a sustentabilidade e as expectativas dos *stakeholders*.

Faria, Sargento e Eugénio (s/d), tendo em conta a ausência de um índice que retrate a RSE de forma isenta e uniforme, construíram um índice de responsabilidade social para mensuração da RSE das empresas portuguesas. Testaram também diferentes hipóteses, e nomeadamente se as “empresas com maiores retornos financeiros tendem a ter um maior nível de RSE” (Faria et al., s/d, p.12). Concluíram que quanto maior o retorno financeiro, menor o nível de RSE.

Também Moreiras (2010), no contexto das PME's Portuguesas, analisou a correlação entre a RSE e a *performance* organizacional, entre dois grupos de empresas: (1) um representativo da visão moderna da RSE, considerando que o negócio tem responsabilidades para com a sociedade e que existem benefícios na adopção da RSE; (2) e o outro representativo da visão clássica da RSE, considerando que as empresas

devem focalizar os seus objectivos na obtenção de lucros, deixando as questões sociais para organizações que não incluam objectivos económicos. De acordo com os resultados as empresas com uma visão moderna da RSE apresentaram um desempenho superior nos indicadores de rentabilidade e de retenção de clientes, relativamente às empresas com uma visão clássica da RSE, o que, segundo Moreiras (2010), sugere que de facto existirão benefícios na adopção da RSE.

A presente investigação seguiu um rumo diferente dos estudos precedentes relativamente à avaliação e mensuração da RSE. Definiram-se diversas dimensões para a sua mensuração, tendo em conta a multiplicidade de aspectos que são abrangidos pela responsabilidade social, incluindo a relação com as partes interessadas, e tendo por base as dimensões apresentadas no Livro Verde pela Comissão Europeia (COM, 2001). Neste livro, intitulado “Promover um quadro Europeu para a responsabilidade social das empresas”, a Comissão Europeia considerou a responsabilidade social empresarial segundo duas dimensões, a dimensão interna e a dimensão externa, incluindo diversos aspectos: (1) A dimensão interna inclui a “Gestão dos Recursos Humanos”, “Saúde e Segurança no Trabalho”, “Adaptação à mudança”, e “Gestão do impacto ambiental e dos recursos naturais”; (2) A dimensão externa da RSE inclui as “Comunidades locais”, “Parceiros comerciais, fornecedores e consumidores”, e “Direitos humanos e Preocupações ambientais globais” (pp.8-16).

Relativamente à mensuração do desempenho económico-financeiro, utilizaram-se indicadores contabilístico-financeiros frequentemente utilizados - rentabilidade do activo, rentabilidade dos capitais próprios e rentabilidade das vendas. A escolha deveu-se ao facto de estes indicadores terem apresentado melhores resultados, relativamente aos indicadores de mercado, nos trabalhos analisados. Teve-se ainda em conta o facto de os indicadores de mercado serem mais indicados para uma avaliação orientada para os investidores, que não foi o intuito da presente pesquisa.

3. Metodologia e Métodos

A presente pesquisa tem como objectivos: (1) analisar a adopção e divulgação das práticas de responsabilidade social e verificar se houve uma evolução positiva no período compreendido entre 2005 a 2009; (2) verificar se o desempenho socialmente responsável contribui para o bom desempenho económico-financeiro; (3) verificar quais as dimensões da RSE que terão uma influência positiva sobre o desempenho económico-financeiro.

O estudo incidiu sobre uma amostra de 19 empresas portuguesas cotadas no índice PSI 20, da bolsa de valores de Lisboa, a *Euronext Lisbon* e abrangeu um período de análise de cinco anos, compreendido entre 2005 e 2009. As empresas cotadas na *Euronext Lisbon*, desde 2005 são obrigadas a relatar as suas contas de acordo com as Normas da *International Accounting Standards - International Financial Reporting Standards (IAS-IFRS standard)*, e como tal, já estarão predispostas a adoptar práticas de RSE. Foi escolhido o período de cinco anos, por possibilitar uma análise evolutiva na adopção e divulgação da RSE.

A fim de dar resposta aos objectivos estabelecidos, definiram-se as dimensões da RSE (ver Tabela 1), tendo por base as dimensões, interna e externa, definidas no Livro Verde (COM, 2001). Utilizou-se no entanto uma abordagem diferente, com adaptações de forma a incluir outras variáveis que se consideram igualmente relevantes para o contexto. Teve-se em conta as informações constantes dos relatórios de sustentabilidade e literatura diversa consultada sobre o tema. Teve-se ainda em consideração as linhas de orientação do GRI, utilizadas por várias das empresas analisadas e o facto as mesmas terem reportado as suas práticas de RSE, de acordo com três vertentes: Económica, Ambiental e Social.

Tabela 1. Dimensões da RSE.

Dimensões	Variáveis
Dimensão Interna	<ul style="list-style-type: none"> • Gestão Responsável • Gestão dos Recursos Humanos • Saúde e Segurança no Trabalho • Gestão do Impacto Ambiental e dos Recursos Naturais • Ética Empresarial
Dimensão Externa	<ul style="list-style-type: none"> • Comunidades Locais • <i>Stakeholders</i> • Direitos Humanos • Preocupações Ambientais e Filantrópicas Globais
Outras	<ul style="list-style-type: none"> • Instrumentos de RSE

Para a mensuração das variáveis definidas para cada dimensão da RSE foi construído um índice com 239 itens, abrangendo as questões que se consideraram relevantes em cada uma das variáveis. A resposta a cada item foi efectuada recorrendo à análise de conteúdo das informações constantes dos relatórios de sustentabilidade e relatórios de

contas, disponíveis nos sites oficiais das empresas em análise. A cada item foi atribuída uma pontuação de acordo com a resposta: 0 (resposta negativa); 1 (resposta positiva); 0,5 (resposta incompleta). A pontuação total obtida definiu-se como a variável **Índice de RSE**, e constitui a mensuração quantitativa de cada empresa em termos de responsabilidade social, à qual corresponde um determinado nível de responsabilidade social, que se nomeou de variável **Nível de RSE**. Definiram-se cinco níveis de responsabilidade, medidos numa escala de *Likert*: 1 - Muito pouco responsáveis; 2 - Pouco responsáveis; 3 - Responsáveis; 4 - Muito responsáveis; 5 - Bastante responsáveis.

Para a mensuração do desempenho económico-financeiro utilizaram-se os seguintes indicadores contabilístico-financeiros: Rendibilidade Financeira; Rendibilidade Económica; e Rendibilidade das Vendas.

Tendo em conta os objectivos fixados estabeleceram-se as seguintes hipóteses de investigação:

- Hipótese 1 (H_1): A adopção e divulgação das práticas de RSE tiveram uma evolução positiva no período compreendido entre 2005 e 2009;
- Hipótese 2 (H_2): A RSE está positivamente correlacionada com o Desempenho Económico-Financeiro;
- Hipótese 3 (H_3): As dimensões das RSE influenciam positivamente o Desempenho Económico-Financeiro.

A fim de dar resposta à H_1 , realizou-se uma análise descritiva da amostra de acordo com os resultados obtidos no Índice RSE e no Nível RSE. Relativamente à H_2 , uma vez que a mensuração e avaliação da RSE foi efectuada através de diversas variáveis, efectuou-se o estudo das correlações, utilizando a variável Índice RSE. A variável Índice RSE sumariza a avaliação efectuada e representa a pontuação final no desempenho RSE atribuído, permitindo analisar as possíveis correlações com as três variáveis definidas para o desempenho económico-financeiro, em cada um dos anos do período decorrido entre 2005 e 2009, com o intuito de verificar se a RSE e o desempenho económico-financeiro estão positivamente correlacionados. Quanto à H_3 , procedeu-se ao estudo das correlações entre as dez dimensões definidas para a RSE e os três indicadores de desempenho económico-financeiro. Utilizaram-se as médias dos cinco anos, a fim de verificar das correlações mais consistentes no período de 2005 a 2009.

Para a análise das correlações utilizou-se a medida de correlação não paramétrica, coeficiente de correlação de *Spearman*, uma vez que não exige nenhum pressuposto sobre a distribuição dos dados e sobre a linearidade das relações.

4. Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1. Adopção e divulgação das práticas de RSE pelas empresas portuguesas cotadas no PSI 20: Análise evolutiva

Os resultados obtidos permitem aferir que houve uma evolução positiva na adopção e divulgação das práticas de RSE pelas empresas portuguesas cotadas no PSI 20, no período compreendido entre 2005 e 2009 (Fig. 1). Verificou-se que é após 2005 que se dá uma inversão positiva rumo à adopção da RSE. Enquanto em 2005, apenas 21,1% das empresas, estavam no Nível de Responsáveis, e as restantes distribuíam-se entre Muito Pouco Responsáveis (42,1%) e Pouco Responsáveis (36,8%), em 2006, a maioria das empresas (52,6%), passam a estar no Nível de Responsáveis. Esta alteração poderá justificar-se pelo facto das empresas terem sido obrigadas, a partir de 2005, a relatar as suas contas de acordo com as Normas Internacionais de Contabilidade, o que pode contribuir para uma maior adesão às práticas de RSE e para a sua divulgação, até porque se constata que é a partir de 2006 que a maioria das empresas em análise passa a publicar os seus Relatórios de Sustentabilidade. No último ano (2009) a maioria das empresas (68,4%) posiciona-se no nível de Responsável, registando-se uma observação para o nível de Muito Responsável (5,3%).

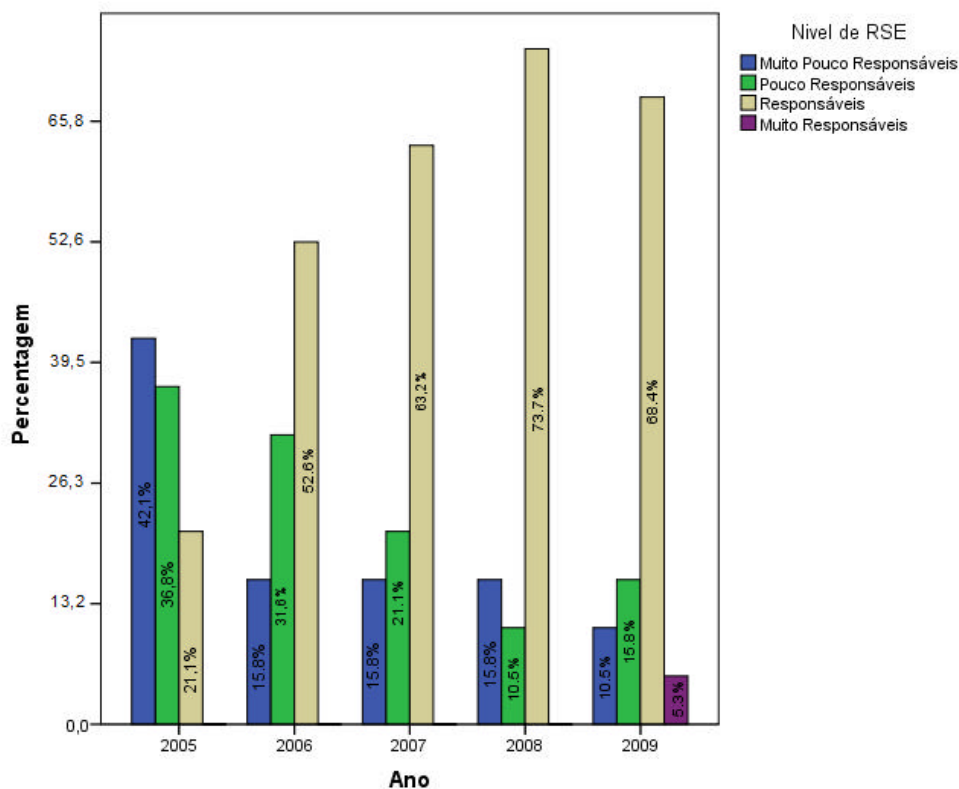


Figura 1. Nível de RSE por ano.

Relativamente ao Índice RSE, registou-se uma evolução crescente em cada ano. Conforme análise dos gráficos das caixas de bigodes (ver Figura 2) verifica-se que os limites mínimos e máximos (limites extremos de cada caixa), bem como a mediana (linha horizontal dentro da caixa), vão aumentando em cada ano, observando-se *outliers* moderados nos anos 2006, 2008 e 2009, que correspondem às empresas que obtiveram os valores mais extremos no Índice RSE.

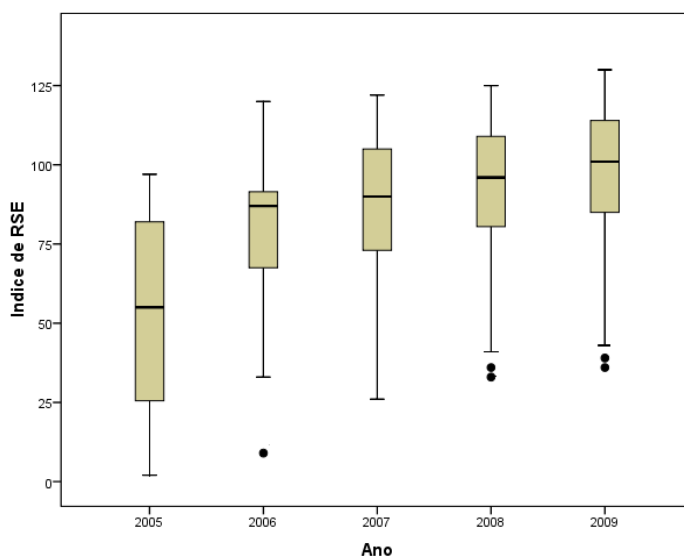


Figura 2. Caixas de bigodes do Índice de RSE por ano.

Em suma, pode-se concluir relativamente à H_1 , que houve uma evolução positiva na adoção e divulgação da RSE, e mesmo relativamente às empresas com níveis de desempenho mais baixos não se pode dizer que não existe uma consciência relativamente à responsabilidade social. No entanto, a forma como divulgam as informações fica muito aquém das empresas mais bem posicionadas. Estas investem numa divulgação mais específica e detalhada e, nomeadamente, em dar cumprimento às directrizes do GRI, procurando acompanhar e melhorar o seu desempenho social e a forma como o reportam, definindo objectivos específicos, avaliando e quantificando os impactes da sua actuação, bem como demonstrando uma maior sensibilidade na comunicação com os diversos *stakeholders* e em responder às suas exigências.

4.2. Responsabilidade Social Empresarial e Desempenho Económico-Financeiro: Análise de correlações

Testada a hipótese da existência de correlações positivas entre o Índice RSE (indicador do desempenho RSE) e a Rendibilidade Económica, Rendibilidade Financeira e Rendibilidade das Vendas (indicadores de desempenho económico-financeiro), os resultados constam da Tabela 2. Analisando estes dados, constata-se que existem evidências estatísticas suficientes para afirmar, a um nível de significância de 0.05, que as variáveis Índice RSE e Rendibilidade das Vendas encontram-se correlacionadas ($p < 0.05$). Os coeficientes de correlação indicam uma relação positiva, sendo as correlações moderadas ($r = 0.466$; $r = 0.464$; $r = 0.504$). Para as restantes correlações obteve-se um valor de prova superior a 0.05, concluindo-se que não existem evidências estatísticas suficientes para afirmar que as mesmas estejam correlacionadas, a um nível de significância de 0.05.

De acordo com os resultados apresentados, pode concluir-se, relativamente à H_2 que a mesma foi apenas parcialmente comprovada. Tendo em conta o período compreendido entre 2005 e 2009, registaram-se correlações positivas apenas entre o Índice RSE e a Rendibilidade das Vendas, em três dos cinco anos analisados: 2005, 2007 e 2008. Contudo as relações foram moderadas e pouco consistentes.

Tabela 2. Correlações entre o Índice RSE e o Desempenho Económico-Financeiro (n=19).

Desempenho RSE	Ano	Desempenho económico-financeiro		
		Rendibilidade e Económica	Rendibilidade e Financeira	Rendibilidade Vendas
Índice RSE	2005	r = - 0.051 p = 0.837	r = 0.010 p = 0.969	r = 0.466* p = 0.044
	2006	r = - 0.203 p = 0.405	r = 0.054 p = 0.828	r = 0.180 p = 0.461
	2007	r = - 0.263 p = 0.277	r = - 0.096 p = 0.694	r = 0.464* p = 0.046
	2008	r = 0.175 p = 0.473	r = 0.305 p = 0.204	r = 0.504* p = 0.028
	2009	r = 0.070 p = 0.776	r = - 0.206 p = 0.397	r = 0.401 p = 0.089

Nota: r = coeficiente de correlação de *Spearman*; p = valor de prova; * significativo a um nível de significância de 5%.

4.3. A influência das dimensões da RSE sobre o Desempenho Económico-Financeiro

A fim de se verificar quais as dimensões da RSE que poderão ter uma influência positiva sobre o desempenho económico-financeiro, de acordo com a H_3 , utilizou-se também a análise de correlações, recorrendo-se ao coeficiente de correlação de *Spearman*. Pelos resultados obtidos (ver Tabela 3), conclui-se pela existência de evidências estatísticas suficientes para afirmar, a um nível de significância de 0.05, que se verificaram correlações positivas em duas situações ($p < 0.05$): (1) entre a Gestão Responsável e a Rendibilidade das Vendas; (2) entre as Comunidades Locais e a Rendibilidade das Vendas. Os coeficientes de correlação nas duas situações indicam uma relação positiva moderada ($r = 0.478$; $r = 0.502$). Para as restantes situações obteve-se um valor de prova superior a 0.05, constatando-se, relativamente a estas, que não existem evidências estatísticas suficientes para afirmar, a um nível de significância de 0.05, que as mesmas estejam correlacionadas.

Tabela 3. Correlações entre as Dimensões da RSE e o Desempenho Económico-Financeiro (n=19).

Dimensões RSE	Desempenho económico-financeiro		
	Rendibilidade Económica	Rendibilidade Financeira	Rendibilidade Vendas
Gestão Responsável	r = - 0.078 p = 0.751	r = - 0.387 p = 0.102	r = 0.478* p = 0.038
Gestão dos Recursos Humanos	r = - 0.088 p = 0.721	r = - 0.037 p = 0.881	r = 0.183 p = 0.454
Saúde e Segurança no Trabalho	r = 0.174 p = 0.475	r = 0.002 p = 0.994	r = 0.152 p = 0.533
Gestão do Impacto Ambiental e dos Recursos Naturais	r = 0.304 p = 0.206	r = - 0.084 p = 0.732	r = 0.420 p = 0.074
Ética Empresarial	r = - 0.319 p = 0.184	r = - 0.207 p = 0.395	r = 0.218 p = 0.371
Comunidades Locais	r = 0.034 p = 0.889	r = - 0.129 p = 0.599	r = 0.502* p = 0.028
<i>Stakeholders</i>	r = - 0.228 p = 0.347	r = - 0.240 p = 0.323	r = 0.422 p = 0.072
Direitos Humanos	r = - 0.282 p = 0.242	r = - 0.432 p = 0.065	r = 0.250 p = 0.303
Preocupações Ambientais e Filantrópicas Globais	r = - 0.013 p = 0.958	r = 0.119 p = 0.627	r = 0.184 p = 0.450
Instrumentos RSE	r = - 0.013 p = 0.957	r = - 0.220 p = 0.365	r = 0.340 p = 0.154

Nota: r = coeficiente de correlação de *Spearman*; p = valor de prova; * significativo a um nível de significância de 5%.

Dos resultados acima expostos pode constatar-se, relativamente à H₃, que também foi apenas parcialmente corroborada. Observaram-se correlações positivas entre duas das dimensões da RSE e um dos indicadores de desempenho económico-financeiro. Os resultados sugerem que as dimensões da RSE - Gestão Responsável e Comunidades Locais, poderão ter alguma influência positiva sobre a Rendibilidade das Vendas.

Relativamente à dimensão Gestão Responsável, esta reflecte os objectivos e compromissos que as empresas poderão estabelecer relativamente à RSE, enquanto a dimensão Comunidades Locais refere-se a iniciativas implementadas no âmbito das comunidades em que as empresas se inserem. O que poderá indiciar que os objectivos e compromissos que as empresas assumem relativamente à RSE, bem como o envolvimento em iniciativas socialmente responsáveis no âmbito local, poderão ter alguma expressão positiva sobre rentabilidade das vendas, que por seu lado, reflectirá uma percepção positiva dos clientes.

5. Conclusões

Relativamente à H_1 , que pretendia verificar se a adopção e divulgação das práticas de RSE teve uma evolução positiva no período compreendido entre 2005 e 2009, conclui-se que houve uma evolução positiva em todos os anos em análise, e no último ano (2009), a maioria das empresas (68,4%), posiciona-se no nível de Responsável, registando-se uma observação para o nível de Muito Responsável. Os resultados indicam que as empresas analisadas, que são empresas de referência no contexto português, na sua maioria denotam uma sensibilidade crescente para a RSE.

Relativamente à H_2 - que pretendia verificar se a RSE está positivamente correlacionada com o Desempenho Económico-Financeiro, e à H_3 - que pretendia verificar as dimensões da RSE que poderão influenciar positivamente o Desempenho Económico-Financeiro, ambas foram apenas parcialmente corroboradas. Verificaram-se correlações positivas moderadas entre o Índice RSE e a Rentabilidade das Vendas, em 2005, 2007 e 2008. E apenas duas dimensões da RSE - Gestão Responsável e Comunidades Locais, registaram correlações positivas moderadas com um dos indicadores de desempenho económico-financeiro, a Rentabilidade das Vendas. Os resultados não são suficientes para aferir da existência de uma relação significativa entre a RSE e o desempenho económico-financeiro, mas sugerem que a RSE poderá ter uma influência moderada sobre a rentabilidade das vendas. Sugerem ainda que os objectivos e compromissos que as empresas assumem relativamente à RSE, bem como o envolvimento em iniciativas socialmente responsáveis no âmbito das comunidades locais, poderão ter alguma expressão positiva sobre rentabilidade das vendas, que reflectirá uma percepção positiva dos clientes.

Em suma, os resultados da presente pesquisa indicam uma evolução positiva na adopção e divulgação da RSE de empresas portuguesas de referência. Relativamente

aos resultados do estudo da relação entre a RSE e o desempenho económico-financeiro, embora não tenham sido evidentes e significativos, também se deverá ter em conta que o período em análise (2005 a 2009), foi marcado pelo início da crise económico-financeira, que se reflectiu negativamente no desempenho das empresas e que poderá ter afectado a influência que a RSE poderia ter, por si só, sobre o desempenho económico-financeiro.

O presente trabalho acrescenta um contributo importante não só para o estudo exploratório do contexto português, mas também por providenciar um novo modelo de mensuração da RSE que poderá ser um ponto de partida para o lançamento de um índice europeu de avaliação e mensuração da RSE, baseado nas dimensões definidas pela Comissão Europeia no Livro Verde (COM, 2001).

Tomando em consideração que neste estudo se teve por base um conjunto de empresas portuguesas que se inserem em diferentes sectores de actividade, sugere-se que semelhante metodologia seja aplicada numa análise comparativa por sectores, e que possa incluir também o estudo de diferentes estratégias de actuação de acordo com as dimensões definidas para a RSE.

Referências

- Balabanis, G., Phillips, H., & Lyall, J. (1998). Corporate social responsibility and economic performance in the top British companies: are they linked?. *European Business Review*, 98 (1), 25-44. Consultado 25 de Outubro, 2011, de <http://scholar.google.com.br>.
- Branco, M., & Rodrigues, L. (2008). Factors influencing social responsibility disclosure by Portuguese companies. *Journal of Business Ethics*, 83, 685-701. doi: 10.1007/s10551-007-9658-z.
- Commission of the European Community. (2001). *Livro Verde – Promover um quadro europeu para a responsabilidade social das empresas*. COM 366. Bruxelas. Consultado a 15 Outubro, 2010, de http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/site/pt/com/2001/com2001_0366pt01.pdf.
- Davis. K. (1973). The case for and Against Business Assumption of Social Responsibilities. *Academy of Management Journal*, 16(2), 312-322. Consultado a 17 de Julho, 2011, de <http://uweb.txstate.edu/~ek10/socialresponsibility.pdf>.

- Faria, F., Sargento, A., & Eugénio, F. (s/d). *Um índice de responsabilidade social empresarial para a realidade portuguesa*. Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Leiria. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de <http://www.fep.up.pt/conferencias>.
- Griffin, J. & Mahon., J. (1997). The corporate social performance and corporate financial performance debate. *Business and Society*, 36(1), 5-31. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de http://business.gwu.edu/smpp/articles/griffin_mahon_1997_b_and_s.pdf.
- Heal, G. (2004). *Corporate social responsibility – An economic and financial framework*. Columbia Business School. Consultado a 18 de Outubro de 2011, de <http://www.genevaassociation.org>.
- Lama, D., & Muyzenberg, L. (2008). *O caminho para a liderança* (Trad. S. Oliveira). Alfragide: Publicações Dom Quixote. (Original publicado em 2008).
- Leite, C., & Rebelo, T. (2010). *Explorando, caracterizando e promovendo a responsabilidade social das empresas em Portugal*. Actas do VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de http://actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiTrab_15.pdf.
- Macedo, M., Sousa, A., Sousa, A., & Cípola, F. (2007). Desempenho de empresas socialmente responsáveis: Uma análise por índices contábil-financeiros. *Revista Produção*. Consultado a 15 de Outubro de 2011, de <http://producaoonline.org.br>.
- Mackey, A., & Mackey, T. (2007). Corporate social responsibility and firms performance: investor preferences and corporate strategies. *Academy of Management Review*, 32(3), 817-835. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de <http://web.ebscohost.com>.
- Maignan, I, Ferrell, O., & Hult, G., (1999). Corporate Citizenship: Cultural antecedents and Business Benefits. *Journal of The Academy of Marketing Science*, 27(4), 455-469. Consultado a 17 de Julho de 2011, de <http://global.broad.msu.edu/hult/publications/JAMS99.pdf>.
- McWilliams, A., & Siegel, D. (2000). Corporate social responsibility and financial performance: correlation or misspecification. *Strategic Management Journal*, 21, 603-609. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de [http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/\(SICI\)1097-0266\(200005\)21:5%3C603:AID-SMJ101%3E3.0.CO;2-3/pdf](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-0266(200005)21:5%3C603:AID-SMJ101%3E3.0.CO;2-3/pdf).
- Moreiras, N. (2010). *Corporate social responsibility: An empirical analysis of Portuguese SMEs*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de <http://www.repository.utl.pt/>.

- Orlitzky, M., Schmidt, F. & Rynes, S. (2003). Corporate social and financial performance: A meta-analysis. *Organization Studies*, 24(3), 403-441. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de <http://www.finanzasostenibile.it/finanza/moskowitz2004.pdf>.
- Pava, M., & Krausz, J. (1996). The association between corporate social responsibility and financial performance: The paradox of social cost. *Journal of Business Ethics*, 15(3), 321-357. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de <http://folders.nottingham.edu.cn>.
- Poddi, L., & Vergalli, S. (2009). Does corporate social responsibility affect the performance of firms?. *Fondazione Enri Enrico Mattei*. 14th Coalition Theory Network Workshop, Masstricht, Países Baixos. Consultado a 18 de Outubro de 2011, de <http://ageconsearch.umn.edu>.
- Rego, A., Cunha, M, Costa, N., Gonçalves, H., & Cabral-Cardoso, C. (2007). *Gestão Ética e Socialmente Responsável: teoria e prática* (2ª ed.). Lisboa: Editora RH.
- Stanwick, P., & Stanwick, S. (1998). The relationship between corporate social performance, and organizational size, financial performance and environmental performance: An empirical examination. *Journal of Business Ethics*, 17, 195-204. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de <http://www.springerlink.com/content/l6366530525221v0/fulltext.pdf>.
- Szekeley, F., & Knirsch, M. (2005). Responsible leadership and corporate social responsibility metrics for sustainable performance. *European Management Journal*, 23(6), 628-647. doi: 10.1016/j.emj.2005.10.009.
- Tsoutsoura, M. (2004). Corporate social responsibility and financial performance. University of California. Consultado a 18 de Outubro de 2011, de <http://responsiblebusiness.haas.berkeley.edu>.
- Waddock, S., & Graves, S. (1997). The corporate social performance - Financial performance link. *Strategic Management Journal*, 18(4), 303-319. Consultado a 8 de Outubro de 2011, de [http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/\(SICI\)1097-0266\(199704\)18:4%3C303::AID-SMJ869%3E3.0.CO;2-G/pd](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/(SICI)1097-0266(199704)18:4%3C303::AID-SMJ869%3E3.0.CO;2-G/pd)
- Wood, D., & Jones, R. (1995). *Stakeholders Mismatching: A Theoretical problem in empirical research on corporate social performance*. *The International Journal of Organizational Analysis*, 3(3), 229-267. Consultado a 17 de Julho de 2011, de <http://www.kantakji.com>.
- Zadek, S. (1999). *Stalking Sustainability*. Consultado a 31 de Julho, 2011 de <http://www.zadek.net>.